

1898-1919: os primeiros anos do cinema no sotavento algarvio¹

1898-1919: the early years of the Cinema in the leeward Algarve

Jorge Manuel Neves Carrega
jmcarrega@ualg.pt
CIAC – Centro de Investigação em Artes e
Comunicação, Universidade do Algarve
Faro, Portugal
ORCID iD 0000-0002-0797-8891

Artigo recebido em 2023-05-29
Artigo aceite em 2023-07-30
Artigo publicado em 2023-07-30

Resumo

Neste artigo contribuímos para um melhor conhecimento sobre a exibição e receção do cinema na sub-região do sotavento algarvio, inventariando os diferentes espaços de exibição que, entre 1898 e 1919, surgiram nas localidades de Faro, Olhão, Tavira, Loulé, São Brás de Alportel e Vila Real de Santo António, assim como os filmes que aí foram exibidos, e a sua receção pelo público e a imprensa algarvia.

No Algarve, o salão High-Life, da empresa Neves & Pascaud, e a empresa Alves França desempenharam um papel fundamental na afirmação do cinema enquanto espetáculo e forma de lazer. Entre 1910 e 1917, surgiram novas salas, preparadas para acolher as sessões de animatógrafo, mas, tal como no resto do país, não se verificou uma substituição cronologicamente delimitada dos salões itinerantes por salas fixas, verificando-se, sim, uma coexistência que se manteve por vários anos.

Durante a primeira década do século XX, o cinema francês ocupou uma posição hegemónica nas salas do sotavento algarvio, graças à capacidade de produção e distribuição das produtoras Pathé Frères e Gaumont, merecendo rasgados elogios da imprensa local. Durante a década de 1910, a produção italiana e norte-americana, conquistou um espaço importante, registando enorme popularidade junto do grande público, graças a filmes como *Maciste* (Borgnetto, Denizot, 1915), e novas vedetas como Eddie Polo. Durante estes anos, verificamos que as principais salas de Faro, Olhão e Tavira se integram no circuito de exibição lisboeta, graças aos contratos assinados com os principais exibidores e distribuidores nacionais.

In this article we contribute to a better knowledge about the exhibition and reception of cinema in the

1. Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04019/2020 CIAC Base”.

sub-region of the leeward Algarve, inventorying the different exhibition spaces that, between 1898 and 1919, appeared in the localities of Faro, Olhão, Tavira, Loulé, São Brás de Alportel and Vila Real de Santo António, as well as the films that were exhibited there, and its reception by the public and the Algarve press.

In the Algarve, the High-Life salon, of the company Neves & Pascaud, and the company Alves França played a fundamental role in the affirmation of cinema as a spectacle and form of leisure. Between 1910 and 1917, new rooms appeared, prepared to host the animatograph sessions, but, as in the rest of the country, there was no chronologically delimited replacement of the itinerant halls by fixed rooms, but a coexistence that continued for several years.

During the first decade of the twentieth century, French cinema occupied a hegemonic position in the halls of the leeward Algarve, thanks to the production and distribution capacity of the production companies Pathé Frères and Gaumont, deserving rave reviews from the local press. During the 1910s, Italian and American production gained an important space, registering enormous popularity with the general public, thanks to films such as *Maciste* (Borgnetto, Denizot, 1915), and new stars such as Eddie Polo. During these years, we have verified that the main halls of Faro, Olhão and Tavira are integrated in the exhibition circuit of Lisbon, thanks to the contracts signed with the main national exhibitors/distributors.

Palavras-chave

Cinema no Algarve • Animatógrafos • Salão High-Life • Cinema italiano • Cinema francês

Cinema in the Algarve • Animatographers • High-Life salon • Italian cinema • French cinema

Introdução

Nos últimos 20 anos, a chamada New Cinema History alargou a investigação do cinema para questões como os espaços de exibição cinematográfica, a receção da crítica e as práticas das audiências, os circuitos de distribuição e os patrimónios cinematográficos extra-fílmicos, temas geralmente ignorados nas “Histórias do Cinema”. Alinhados nesta perspetiva teórica, investigamos as primeiras duas décadas de exibição cinematográfica na sub-região do sotavento algarvio, nomeadamente os espaços de exibição, os filmes que aí foram exibidos e a sua receção, procurando deste modo contribuir para um melhor conhecimento da História do Cinema no Algarve e em Portugal. Relativamente à metodologia, optamos pela utilização dos jornais da época, como principal fonte documental da investigação que suporta o artigo, complementada por um conjunto de estudos monográficos dedicados a estas localidades e algumas obras de referência sobre este período da História do Cinema.

1. Os primeiros espaços de exibição cinematográfica: dos salões ambulantes aos cineteatros

No final do século XIX, o Algarve era uma região periférica e distante dos centros de decisão política. No entanto, a inauguração em Faro da primeira linha férrea do Algarve, no dia 1 de julho de 1889, veio aproximar a capital algarvia do resto do país e permitiu facilitar a ligação ferroviária entre as principais cidades do sotavento algarvio: Olhão em 1904, Tavira em 1905, e Vila Real de Santo António em 1906.

A proximidade geográfica e cultural com França permitiu que Portugal fosse o 4º país europeu a receber o cinematógrafo, graças a uma sessão promovida por Edwin Rousby no dia 16 de junho de 1896, no Real Coliseu de Lisboa. Dois anos depois, o Algarve recebeu pela primeira vez a grande invenção das imagens animadas, em duas sessões que se realizaram em Faro, no Teatro Lethes, no dia 11 de setembro de 1898, com um aparelho de animatógrafo que havia recentemente operado no Real

Coliseu de Lisboa, o qual partiu poucos dias depois para Loulé², Albufeira e Tavira (Santos, 1997, p. 159).

A novidade das imagens animadas rapidamente suscitou o interesse do grande público. De tal modo que, no final desse mês de setembro, o aparelho regressou a Faro para realizar novas sessões, desta vez no Teatro 1º de Dezembro, uma sala popular³ que, ao contrário do elitista Teatro Lethes, era frequentado por todas as classes sociais (*Algarve e Alentejo*, 1898, nº 435).

Inicialmente, os animatógrafos ambulantes foram integrados em espaços pré-existentes, nomeadamente as inúmeras salas de teatro e os coliseus das principais cidades europeias. Contudo, logo nos primeiros anos do século XX, o animatógrafo transformou-se numa atração de feira, e chegou a boa parte da população portuguesa, através das inúmeras sessões realizadas por salões itinerantes. Quase em simultâneo começam a surgir os barracões de cinema, estruturas precárias, mas fixas, que nascem em algumas cidades e vilas, graças à iniciativa de empreendedores locais, mantendo a sua atividade durante alguns anos.

Em maio de 1902, realizaram-se no Teatro Popular de Loulé várias sessões de animatógrafo, complementadas pela exibição de dioramas e peças de gramofone (Martins, 2001, p. 207), e, em outubro de 1903, chegou a Faro, integrado na Feira de Santa Iria⁴, o salão de animatógrafo Lumière (*O Distrito de Faro*, 1903, nº 1435). Este barracão itinerante, propriedade de Jean Lucien Porte, ficou instalado no Largo do Pé da Cruz, partindo no dia 02 de novembro para Silves. O sucesso das sessões realizadas em Faro foi de tal ordem, que o seu proprietário fez uma doação de 57 mil reis à Santa Casa da Misericórdia de Faro (*Algarve e Alentejo*, 1903, nº 631 e 632).

O acolhimento entusiástico que a população algarvia ofereceu a este barracão foi tanto que, em

janeiro de 1904, o Animatógrafo Lumière regressou a Faro, ficando desta vez instalado no Largo da Alagoa. O interesse pelas imagens animadas já era tão grande que, nesse mesmo mês de janeiro, esteve na cidade o salão Edison American - Electro Cinematograph Bolander, propriedade de Guilherme Bolander⁵, que ficou instalado junto do mercado (onde hoje se encontra a agência do Banco de Portugal), iluminando a rua D. Francisco Gomes, com as suas lâmpadas elétricas (*Algarve e Alentejo*, 1904, nº 643 e 645). Apesar do preço das entradas de 150 réis para as cadeiras, 100 réis para superior e 60 réis para a geral, o salão atraiu muito público, sendo as sessões de quinta-feira dedicadas à “sociedade elegante” (*O Sul*, 1904, nº 8).

Em outubro de 1904, o Teatro 1º Dezembro, em Faro, uma sala popular por onde passavam regularmente companhias de circo e diversos artistas de variedades, voltou a receber algumas sessões de animatógrafo (*O Sul*, 1904, nº 48) e, no ano seguinte, chegou a Loulé o animatógrafo de Don Luciano, que ficou instalado no espaço onde atualmente se encontra o Mercado Municipal (Freitas, 1980, p.120).

Já no início de 1906, nasceu em Faro o “Animatógrafo Algarvio”, propriedade do relojoeiro farenses José Eduardo Coelho, que construiu este aparelho e realizou sessões durante algumas semanas num barracão de animatógrafo que ficou instalado na Praça D. Francisco Gomes, um dos locais mais nobres da cidade (Santos, 1997, p. 160).

1.1. Os Salões

A primeira década do século XX assinalou a ascensão do cinema enquanto espetáculo, em larga medida graças ao entusiasmo do público popular, cujo apetite pelas imagens animadas estimulou a atividade dos salões itinerantes. Herdeiros de espetáculos óticos pré-cinematográficos, como lanternas mágicas e fantasmagorias, os salões eram

2. Em Loulé, ficou instalado no Largo da Ruancha, onde atualmente se encontra o Arquivo Municipal (Freitas, 1980, p. 120).

3. Esta sala oitocentista, fundada em 1874, era propriedade de José Maria Conceição.

4. Esta feira, atraía à cidade milhares de visitantes e comerciantes das localidades vizinhas.

5. Terá sido o proprietário da primeira barraca de animatógrafo, que surgiu em 1898, na Feira do Campo Grande, onde exibia com sucesso a fita *A Pesca da Sardinha* (Acciaiuoli, 2012, p. 43).

construções precárias, com uma estrutura simples de madeira e ferro com cobertura de lona. Um elemento importante nestes espaços de exibição, cujas dimensões, qualidade e conforto variavam bastante, era a fachada (mais ou menos) iluminada, que servia para atrair os espectadores, mas também para lhes garantir alguma segurança, uma vez que a maioria das sessões decorriam à noite.

Os salões itinerantes percorreram as cidades e vilas do território nacional, integrando inicialmente as feiras e festas populares de muitas localidades, graças às ligações ferroviárias implementadas nas últimas décadas do século XIX, e desempenharam um papel fundamental na divulgação e popularização do cinema, contribuindo imenso para a democratização desta nova forma de lazer.

Em 1906, foi inaugurado o salão High-Life, sala pioneira na cidade do Porto. Tratava-se de um grande barracão de madeira e zinco, integrado na Feira de S. Miguel, perto da rotunda da Boavista, que meses depois mudou para o Jardim da Cordoaria. Este animatógrafo nasceu graças à iniciativa de um empreendedor local, Manuel Neves, que se associou a Edmond Pascaud, um cidadão francês recentemente chegado ao Porto com um projetor e algumas fitas da Casa Pathé. Em 1908, o salão mudou para a praça da Batalha, e assim nasceu o Novo Salão High-Life, que, instalado num edifício “moderno”, tornar-se-ia a sala pioneira da cidade Invicta⁶. Contudo, o barracão itinerante da empresa Neves & Pascaud continuou a sua atividade, levando o animatógrafo a vários pontos do país.

Em outubro de 1907, o jornal *Guadiana* noticiava que o grande sucesso da Feira de Vila Real de Santo António fora o celebre animatógrafo Theo Pathé, da empresa Neves & Pascaud⁷, que, segundo o articulista anónimo “tem magnificas condições, é elegante, cómodo e está magnificamente situado.” (*Guadiana*, 1907, nº 229 e 230, p. 3).

Em novembro de 1907, o salão High-Life partiu para Tavira, onde permaneceu várias semanas,

com enorme sucesso, segundo a imprensa local que declarava “este animatógrafo tem sido a grande atração da nossa terra (...)” (*O Heraldo*, 1907, nº 1321 e 1323). No final de dezembro, o salão partiu para Faro, ficando instalado no Praça D. Francisco Gomes, artéria nobre da cidade, onde iniciou sessões no dia 01 de janeiro de 1908. Com a sua fachada iluminada por dezenas de lâmpadas, que funcionavam graças a um gerador⁸, o salão foi um sucesso na capital algarvia, onde permaneceu até finais de março (*O Distrito de Faro*, 1908, nº 1654). Nesse mesmo mês, sabemos que a autarquia de Loulé concedeu a Armando Nogueira uma licença para armar no largo da igreja matriz uma barraca destinada ao animatógrafo (Martins, 2001, p. 207).

Em abril de 1908, funcionava no Teatro D. Amélia, de Vila Real de Santo António, um animatógrafo que, apesar da qualidade das fitas, registava pouca afluência (*Guadiana*, 1908, nº 255). Com efeito, o seu destino ficou selado, no dia 24 junho 1908, quando este animatógrafo originou um incêndio na sala do Teatro, provocando um prejuízo calculado em 150 mil reis. Felizmente, apesar do susto e da comoção que se gerou, apenas se registaram feridos ligeiros (*Guadiana*, 1908, nº 263). No entanto, a vila pombalina não ficou sem cinema, pois em julho de 1908 inaugurava o animatógrafo The Royal Brewstergrap, iniciativa de um grupo de empreendedores locais que, para o efeito, criaram a “Empresa Cinematográfica Portuguesa”. Este animatógrafo funcionou num extenso quintalão, propriedade do sr. Abecassis, situado na rua João de Deus, perto do bairro do Mundo Novo (*Guadiana*, 1908, nº 266). Tratava-se de um espaço ao ar livre, com saídas amplas, que permitia garantir a segurança dos espectadores, mantendo o projetor afastado da plateia⁹. Para além disso, aproveitando a enorme afluência de público às três sessões diárias que se realizavam nas amenas noites do verão algarvio, a empresa abriu uma cervejaria no recinto e, às segundas-feiras, promovia sessões especiais

6. Em 1913 passou a chamar-se Cinema Batalha, e em 1947, foi totalmente reconstruído.

7. Segundo Paulo Cunha, em maio de 1907, Edmund Pascaud esteve em Guimarães onde exibiu o animatógrafo Theo Pathé, no Teatro D. Afonso Henriques (Cunha, 2018, p. 22).

8. A primeira central elétrica da cidade foi inaugurada no dia 1 de abril de 1911.

9. O incêndio no Teatro do D. Amélia, deixou um trauma na população.

para as senhoras da cidade (*Guadiana*, 1908, nº 262, 266, 267, 268).

Foi também em 1908 que a Vila de Olhão assistiu à primeira sessão de animatógrafo, que teve lugar no salão do Grémio Recreativo no dia 26 de fevereiro, com um aparelho designado Stereochronophonocinematographe. Segundo António Nobre, o sucesso foi tão grande que, no ano seguinte, o empresário Alves França organizou novas sessões num armazém localizado no Passeio D. Luiz, propriedade do industrial Manuel Soares (Nobre, 1984, p.165-66). Foi este mesmo empresário, Alves França, do qual não conseguimos recolher informações¹⁰, que, em janeiro de 1909, contratualizou com a direção do Teatro 1º de Dezembro, em Faro, a instalação e exploração de um animatógrafo Theo Pathé, que obrigou à instalação de luz elétrica na sala. Contudo, estas sessões terão sido pouco concorridas, em virtude de problemas técnicos e de uma seleção de filmes pouco apreciada pelo público (*O Algarve*, 1908, nº 40). Como consequência, o empresário adquiriu um novo projetor à casa Gaumont e, no final de março, iniciou sessões no Salão d'Elite, recém-construído na Praça D. Francisco Gomes. Em poucos meses, este salão afirmou-se como um dos espaços favoritos da população fareense, apresentando, para além das últimas novidades da casa Pathé, diversos artistas de variedades, como o transformista *Pellerano* e as bailarinas coupletistas *Bellas Turquezas* (*O Algarve*, 1909, nº 49, 50, 52 e 53, 59).

No início de 1909, Faro recebeu também o Bijou Teatro, cujo barracão ficou instalado na praça Alexandre Herculano. Para além de espetáculos de marionetas e uma companhia de zarzuelas, este salão, equipado com um projetor Théo Royal, exibia filmes das produtoras Gaumont e Pathé, em sessões diárias que eram acompanhadas ao piano pelo maestro fareense Luiz Penteado, conhecido por se irritar com os comentários provocadores dos espectadores (*O Algarve*, 1909, nº 49, 50, 52). Apesar da afluência de público, o Bijou causou preocupação, veiculada na imprensa, relativamente

à falta de condições de segurança desta estrutura, o que obrigou a administração a introduzir vários melhoramentos (*O Algarve*, 1909, nº 54), reabrindo em junho com um cinematógrafo falante¹¹ (*O Distrito de Faro*, 1909, nº 1.728 e 1738).

Em setembro e outubro de 1909, o jornal *O Algarve* publicou uma série de artigos sobre as sessões do Bijou Teatro que são bastante elucidativas não só sobre a popularidade do cinema, mas também das condições físicas em que decorriam as sessões nestes salões ambulantes. Com efeito, o Bijou é notícia não só pela qualidade das “fitas” que exibia, mas também pelas queixas que os espectadores apresentavam relativamente à má qualidade da projeção¹². Curiosamente, dias depois o mesmo jornal elogiava a melhoria da qualidade da imagem, que atribuía à competência do operador Sr. Rogério, mas apelava a que se evitasse o aceleração da projeção que ocorria na última sessão do dia, pois apesar de registar menos espectadores, estes tinham o mesmo direito a uma sessão de qualidade. Uma das queixas dirigidas neste período ao Bijou Teatro relacionava-se com a agressividade do funcionário da bilheteira para com os clientes, o qual era pouco rigoroso na venda de entradas, levando a que alguns espectadores acabassem por ficar de pé, situação que frequentemente resultava em descatos. Mas, a crítica não terminava por aqui, pois o preço dos bilhetes também sofreu reparo, uma vez que, segundo o articulista, uma criança de 2 anos pagava o mesmo valor de entrada de um adolescente de 15 anos (*O Algarve*, 1909: nº 76, 77, 78, 81).

Em Loulé, entre 1909 e 1910, funcionou no Teatro Louletano um animatógrafo, propriedade do sr. António do Carmo Provisório (*Noticias de Loulé*, 1910, nº 51). Por sua vez em Tavira, no início da década de 1910, encontramos referência a dois animatógrafos: o Salão Animatógráfico, localizado

10. Talvez o mesmo empresário França, cuja empresa promoveu em 1908, sessões do kinematographo Theo Pathé em Guimarães (Cunha, 2017, p 22).

11. O “animatógrafo falante”, consistia na utilização de atores amadores que liam os intertítulos, e acrescentavam diálogos aos filmes exibidos, além de criarem efeitos sonoros para acompanhar as fitas.

12. Inicialmente os projetores ficavam situados no corredor central, mas por razões de segurança foram rapidamente enquadrados numa cabine ao fundo da sala.

na Praça da Lagoa e o Salão 1º de Maio, localizado no largo 1º de Maio (*Província do Algarve*, 1910, nº 72), enquanto em São Brás de Alportel, segundo Afonso da Cunha Duarte, por estes anos, um barracão de animatógrafo, propriedade de José Eduardo, esteve instalado no largo D. Francisco Gomes de Avelar (Duarte, 2008, p. 370).

1.2. Os Cineteatros e a sedentarização do cinema

Na primeira década do século XX, o cinema conquistou não só um público popular, que procurava um entretenimento ligeiro, barato, variado e acessível, mas também as classes burguesas e alguns sectores intelectuais, que abraçaram a arte das imagens animadas. Rapidamente a exibição de cinema passou das feiras e salões para salas fixas, algumas pré-existentes, adaptadas para acolher o animatógrafo, outras construídas de raiz, para corresponder às exigências de um público que exigia melhores condições de exibição. Deste modo, logo em 1904 abriu, em Lisboa, o primeiro “animatógrafo”: o Salão Ideal, e, em 1907 e 1908, inauguram em Lisboa o Chiado Terrasse e o Salão Central, enquanto a cidade do Porto assistia ao aparecimento do Salão Pathé (1907), Salão Jardim Passos Manuel (1908) e o Novo Salão High-Life (1908).

No Algarve, o início da década de 1910 assinala também o surgimento de novas salas fixas, onde as sessões regulares de cinema integram uma programação variada que incluía números de variedades e musicais, com destaque para ilusionistas, transformistas, coupletistas e companhias de zarzuela.

Deste modo, no dia 11 de dezembro de 1909, abriu portas o Teatro - Circo de Faro¹³, cuja construção havia sido iniciada no verão desse ano, na Rua Manuel Penteado, perto do Celeiro de São Francisco. Esta enorme sala, com mais de mil lugares, apresentava uma estrutura parcialmente desmontável, mas já com alicerces de raiz, oferecendo aos espectadores, melhores condições de conforto do

que o Teatro 1º de Dezembro e os diversos salões de animatógrafo que passavam pela cidade¹⁴ (Santos, 1997, p. 161).

O animatógrafo instalado no Teatro Circo era explorado pela empresa de Francisco Pedro Lima e, de acordo com a imprensa local, as sessões eram bastante concorridas, sendo elogiadas pela clareza da imagem e a pouca tremulação (atribuída à manutenção técnica do chauffeur José de Jesus Madeira Jr.), assim como pela qualidade e quantidade de filmes exibidos, graças ao contrato estabelecido por este exibidor com a Companhia Cinematográfica Portuguesa Ideal, do empresário Júlio Costa (*O Districto de Faro*, 1910, nº 1762 e 1772) e (*O Algarve*, 1911, nº 1815 e 1818).

O sucesso das sessões de cinema no Teatro Circo de Faro levaria o Salão High-Life a instalar-se em Olhão durante períodos mais longos. No verão as sessões decorriam no lugar das Prainhas e no inverno o salão mudava-se para um terreno localizado na rua 18 junho (Nobre, 1984, p. 165-166). De Olhão o High-Life partiria para outras localidades do sul do país, incluindo cidades e vilas alentejanas como Beja e Montemor-O-Novo, regressando ao Algarve no início de outubro 1910, para se estabelecer de novo na Vila da Restauração (*O Provinciano*, 1910, nºs 68 e 69).

O sucesso do High-Life junto da comunidade olhanense foi enorme. Na imprensa local, encontramos rasgados elogios ao Kinematophala, descrito como o “soberbo aparelho da empresa Neves & Pascaud”, que se destacava pela qualidade e nitidez das fitas, atribuída em parte à qualidade do operador D. Juan Dauffi (*O Provinciano*, 1910, nº 72 e 73). Após um mês de sessões muito concorridas, o Salão High-Life partiu, no dia 08 de novembro de 1910, para Vila Real de Santo António e regressou a Faro em março de 1911 (*O Algarve*, 1911, nºs 158 e 162).

Em abril 1912, a empresa de Francisco Pedro Lima, que possuía a concessão do animatógrafo do Teatro Circo, contratou músicos para formar um sexteto, dirigido pelo maestrino Rebelo Neves, de modo a acompanhar as sessões de cinema. Ao contrário do elitista Teatro Lethes, o popular Teatro

13. Iniciativa dos empresários Alexandre Figueiredo e Mello, António Feliciano Trigo e José Alexandre da Fonseca, como noticiava *O Algarve*, nº 91, p. 3.

14. O sucesso do Teatro Circo, levaria ao encerramento em 1911, do oitocentista Teatro 1º Dezembro.

Circo, que abria portas às 4^{as}, 5^{as}, sábados e domingos, transformara-se na grande sala de espetáculos da cidade, complementando as sessões de cinema com diversos números de variedades, que eram geralmente apreciados pelo público.

No dia 14 de fevereiro de 1912, Olhão inaugurou o Cinema-Teatro, localizado na atual Avenida da República, perto do armazém onde em 1909 o empresário Alves França havia promovido algumas sessões de animatógrafo. Esta sala, explorada pela Empresa Cinematográfica Olhanense, era na verdade um barracão de madeira com telhado de zinco, que apresentava cerca de 400 lugares de cadeira (sentados) e 850 na geral, e cuja escadaria exterior fazia lembrar um saloon do Oeste Americano¹⁵ (*Ecos do Sul*, 1912, n.º 8).

Semanas depois, Loulé inaugura, em maio de 1912, o Cinematógrafo de José Pereira e, em vésperas da I Grande Guerra, surge o Salão Central, uma tenda de animatógrafo, com muito pouca comodidade, que ficou instalada no Largo dos Inocentes, mas com porta de saída para a Rua da Carreira (Duarte, 2008, p. 370-371).

No verão de 1913, a empresa de Francisco Lima, que havia desempenhado um papel fundamental na introdução do cinema na região algarvia, atravessou dificuldades financeiras, deixando de explorar as sessões de animatógrafo do Teatro Circo de Faro, e foi substituída pela empresa Trigoso, Teixeira & Neves¹⁶ (O Algarve, 1913, n.ºs 271, 272, 283).

No dia 15 de outubro de 1914, foi inaugurado na vila de São Brás de Alportel o Salão Cinematográfico Alportelense, cujas sessões decorriam apenas durante o fim de semana, tendo como fornecedor de filmes a Empresa Internacional Cinematográfica¹⁷ (Duarte, 2008, p. 370).

Em abril de 1915, Olhão inaugurou o Salão Apolo, que surgiu graças à constituição de uma sociedade cooperativa. Tratava-se de um barra-

ção de madeira e cobertura de zinco, que ficou instalado no mesmo local onde alguns anos antes havia permanecido o Salão High-Life. Segundo Antero Nobre, o Salão Apolo tornou-se imediatamente conhecido como “Cinema-Novo”, sendo que o Cinema-Teatro (inaugurado em 1912) foi rebatizado pelos populares de “Cinema-Velho”. Além de oferecer acomodações mais confortáveis que o Cinema-Teatro, o Apolo dispunha também de um quarteto de músicos (piano, violino, flauta e rabecão), que valorizava bastante as suas sessões, em comparação com o pianista solitário que acompanhava as sessões no Cinema-Teatro. Poucos meses após a inauguração do Salão Apolo, o Cinema-Teatro, para fazer face à concorrência, introduziu alguns melhoramentos, incluindo a substituição das cadeiras e também da fachada de madeira por uma de tijolos¹⁸ (Nobre, 1984, pp. 165-166). Segundo João Villares (1989, p. 43), as duas salas de Olhão viveram durante anos num clima de concorrência tão aceso que os seus funcionários percorriam as ruas anunciando ruidosamente as respetivas sessões, e por vezes chegavam a agredir-se verbal e fisicamente.

Também em 1915, o Teatro Circo de Faro, que contava com 560 cadeiras e 700 lugares na geral, sofreu melhoramentos, incluindo cadeiras mais confortáveis. Mais importante foi o calcetamento do átrio fronteiro e a construção de um esgoto, com vista a escoar as águas que se acumulavam nas suas imediações (Santos, 1997, p. 162).

15. Para o efeito, foi criada uma sociedade por quotas tendo como sócios principais Eugénio Pestana e Manuel Pereira Madeira, o proprietário do terreno que havia feito fortuna no Brasil (Nobre, 1984, pp. 165-66).

16. Sociedade constituída pelos Srs. António Feliciano Trigoso, António Rebelo Neves e João Abel Teixeira.

17. Substituído em 1926 pelo Eden Cine-Teatro.

18. Na década de 1940, esta sala sofreu importantes melhoramentos, com vista a garantir as condições de segurança exigidas pelas autoridades, requisitos que não foram cumpridos pelo Salão Apolo, que encerrou portas em 1946.

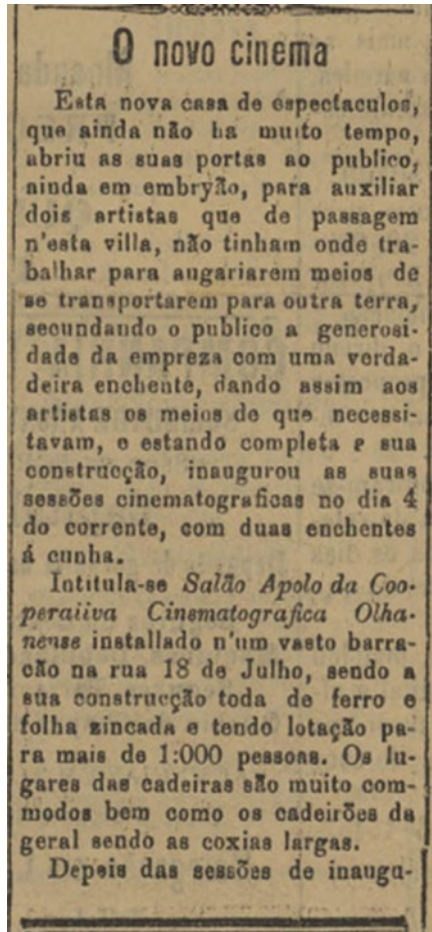


Figura 1. Notícia da abertura do Salão Apolo em Olhão. *O Provinciano*, nº 303, 14 abril de 1915.

Entre 1914 e 1917, o Salão 1º de Maio, situado na rua 1º de Maio, em Tavira, foi o principal espaço de exibição cinematográfica na cidade do Gilão, ao contrário do Teatro Tavirense, por onde passavam essencialmente artistas de variedades e companhias teatrais, a maioria das quais amadoras. Em setembro de 1917, a imprensa anunciava a reabertura deste salão, com a exibição de novas fitas, contratadas pela empresa em Lisboa, às grandes agências de Barcelona e Valência (*O Povo do Algarve*, 1917, nº 105).

Na primavera de 1915, teve início a construção do Cine-Teatro Farense na capital algarvia. A sala, inaugurada em 23 de setembro de 1916, dotou a cidade de um importante espaço cultural. Equipada

com um aparelho cinematográfico da casa Gaumont, adquirido em Barcelona, e uma iluminação que utilizava 5.500 lâmpadas, esta sala, atraiu de imediato a burguesia farense, graças ao seu conforto e programação selecionada (*O Algarve*, 1916, nº 439, 444 e 445), contrastando precisamente com o Salão Central de Loulé, um barracão que apresentava problemas técnicos recorrentes com o mecanismo de projeção, agravados pela falta de conforto e de condições higiénicas (*O Imparcial*, 1916, nº2).

Em fevereiro de 1917, a imprensa local anunciou a fusão dos Teatros Circo e Cine-Teatro Farense, com a concordância da Companhia Cinematográfica de Portugal (fornecedora dos filmes), o que levou ao encerramento do espaço mais antigo, tendo como objetivo prevenir a falência e o encerramento de ambas as salas, afetadas pela crise económica e social provocada pela Grande Guerra, uma medida que desagradou a muitos farenenses (*O Algarve*, 1917, nº 463).

Em outubro de 1917, após uma empresa de Setúbal ter adquirido o equipamento e mobiliário do Teatro Circo, esta sala foi demolida (*O Algarve*, 1917, nº 500). Poucos dias depois, a 24 de outubro, Tavira inaugurava o seu Teatro Popular, que veio substituir o muito precário Teatro Tavirense, uma sala oitocentista encerrada posteriormente por falta de condições. Imediatamente o Teatro Popular tornou-se o principal centro cultural da cidade, e por lá passaram diversos artistas, incluindo o ilustre tavirense António Pinheiro. As sessões de cinema realizavam-se com regularidade às quintas-feiras, sábados e domingos (*Província do Algarve*, 1917, nº 456).

Em 04 dezembro de 1919, reabriu, na “Vila da Restauração”, o Salão Apolo, que beneficiou de obras de melhoramento, graças ao investimento realizado pela nova administração dirigida pelo empresário João Jesus Ventura, o qual, segundo a revista *O Ecrã*, fundada em Olhão nesse mesmo ano, assinou novos contratos com vista a apresentar os “melhores filmes da arte do silêncio às principais famílias da sociedade elegante de Olhão” (*O Ecrã*, 1919, nº 2, p. 3).

Durante a segunda década do século XX, o aumento exponencial do número de espaços de exibição cinematográfica e o surgimento de dis-

tribuidoras como a Empresa Cinematográfica Portuguesa e Filmes Castello Lopes revelam como o cinema se tornou num ato social, transversal a quase todas as camadas da população, resultado de uma valorização social do fenómeno cinematográfico, no qual a organização do espaço da sala e o preçário das sessões constituía um reflexo da diversidade do público (Cunha, 2018, p. 16).

Assim, relativamente às duas primeiras décadas do cinema no sotavento algarvio, foi possível identificar, através da pesquisa realizada na imprensa local, apoiada em trabalhos monográficos sobre estas localidades, vinte e quatro espaços de exibição cinematográfica:

| Salas pré-existentes que receberam animatógrafos ambulantes (6) |
|--|
| Teatro Lethes – Faro |
| Teatro 1º Dezembro - Faro |
| Teatro D. Amélia -Vila Real de Santo António |
| Teatro Tavirense - Tavira |
| Teatro Louletano - Loulé |
| Grémio Recreativo de Olhão |

Tabela 1. Salas pré-existentes que receberam animatógrafos ambulantes

| Salões itinerantes (7) |
|--|
| Animatógrafo Lumière |
| Salão Edison American – Electro Cinematograph Bolander |
| Animatógrafo de Don Luciano |
| Salão High-Life |
| Salão Elite |
| Salão Bijou |
| Salão Animatográfico |

Tabela 2. Salões itinerantes

| Espaços com estruturas precárias, mas não itinerantes (6) |
|--|
| Animatógrafo Algarvio em Faro |
| Barracão de José Eduardo em São Brás de Alportel |
| The Royal Brewstergraph em Vila Real de Santo António |
| Salão 1º de Maio em Tavira |
| Cinematógrafo de José Pereira em Loulé |
| Salão Central em Loulé |

Tabela 3. Espaços com estruturas precárias, mas não itinerantes

| Salas fixas e permanentes construídas para o animatógrafo (5) |
|--|
| Cinema-Teatro de Olhão |
| Salão Cinematográfico Alportelense |
| Salão Apolo de Olhão |
| Cine -Teatro Fareense |
| Teatro Popular de Tavira |

Tabela 4. Salas fixas e permanentes construídas para o animatógrafo

2. A exibição e receção dos filmes

As regiões periféricas de Portugal, como o Algarve, constituem estudos de caso importantes, que nos permitem ter uma melhor ideia da exibição e distribuição cinematográfica em Portugal. Como vimos anteriormente, as primeiras sessões do animatógrafo realizadas no Algarve decorreram em setembro e outubro de 1898. Entre os filmes exibidos encontravam-se títulos como *A Guerra de Cuba* (r/d, a/d), *A Lua de Mel* (r/d; a/d) e o polémico *A Noite de Núpcias/Le coucher de la mariée* (E. Pirou;

Lear, 1896) (*Algarve e Alentejo*, 1898, nº 435), um filme que, aquando da sua exibição em Lisboa, em dezembro de 1896, suscitou fortes críticas da imprensa mais conservadora (Santos, 1991, p. 127), confirmando a opinião de Dave Thompson (2007, p. 29) de que o cinema foi criado para alimentar o voyeurismo e o prazer de observar.

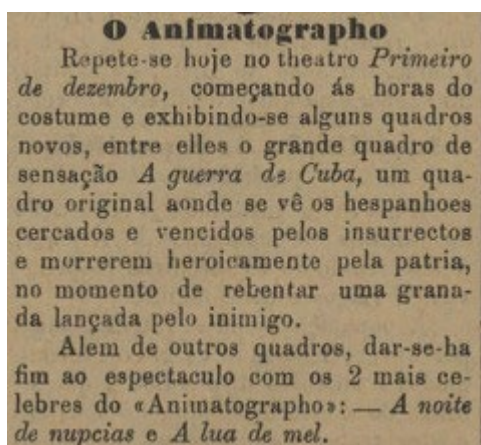


Figura 2. Notícia das sessões de outubro de 1898 no Teatro 1º Dezembro em Faro. (*Algarve e Alentejo*, nº 435, 02 outubro 1898)

Não conseguimos recolher notícias sobre sessões de cinema realizadas no Algarve, em 1900 e 1901, mas, em maio de 1902, o Teatro Popular de Loulé acolheu um conjunto de sessões de animatógrafo que incluíam “cenas marítimas, touradas, bailes andaluzes e, entre os “magníficos quadros exibidos” a imprensa local destacava *A Paixão de Cristo* (Martins, 2001, p. 207), título que corresponderia a *La vie et la passion de Jésus-Christ* (A. Lumière; G. Hatot, 1898).

No ano seguinte, em outubro de 1903, o salão Lumière exibiu cerca de sessenta fitas aquando da sua presença na Feira de Santa Iria, em Faro, entre estas obras marcantes do cinema das origens, *A catástrofe da Martinica/La catastrophe de la Martinique* (F. Zecca, 1902), *A Lua a um metro de distância/La lune à un mètre* (Méliès, 1898), e uma nova versão de *A vida de Jesus/La vie et la passion de Jésus Christ* (F. Zecca, L. Nonguet, 1903) (*O Districto de*

Faro, 1903, nº 1435, 1436 e 1437), (*Algarve e Alentejo*, 1903, nº 631).

Em janeiro de 1904, o salão Edison de Guilherme Bolander apresentou um programa largamente composto por filmes de origem francesa, entre os quais obteve grande sucesso *Os sete castelos do diabo/Les sept châteaux du diable* (F. Zecca, 1901) (*Sul*, 1904, nº 9). Inteiramente colorido, o filme apresentava, segundo o articulista anónimo do jornal *O Districto de Faro*: “esplêndido cenário do artista Albert Colas, trezentos fatos originalíssimos feitos especialmente pela casa F. Garnier, e o magnifico corpo de baile do teatro de La Gáiete”, tendo sido bastante apreciado pela Família Real, aquando da sua exibição em Cascais (*O Districto de Faro*, 1904, nº 1.448, p. 3).

A chegada do salão High-Life ao Algarve, em finais de 1907, veio enriquecer a oferta de cinema na região e estimular o interesse dos algarvios pelas imagens animadas. Com efeito, no primeiro trimestre de 1908, o High-Life ofereceu à população de Faro “as mais admiráveis e modernas criações da importante casa Pathé Frères, para as quais a empresa Neves & Pascaud possui contrato especial” (*O Districto de Faro*, 1908, nº 1654, p. 3). Entre os filmes exibidos, destacavam-se títulos como: *Uma viagem através do impossível/Le voyage à travers l'impossible* (G. Méliès, 1904), *O pequeno Julio Verne/Petit Jules Verne* (G. Velle, 1906) e *La légende de Polichinelle* (A. Cappelani e L. Nonguet, 1907), elogiados pela imprensa local e acolhidos entusiasticamente pelo público (*O Districto de Faro*, 1908, nº 1654, 1656, 1660).

Uma dessas “admiráveis criações” foi o filme *Amour d’esclave*¹⁹ (A. Capellani e F. Zecca, 1907), um dos maiores sucessos da temporada 1907/1908 no Algarve, fita que, segundo a imprensa, era “protagonizado por atores e o corpo de baile da Opera de Paris”, tendo sido exibida em sessões especiais, dedicadas ao publico feminino, em outubro de 1907, em Vila Real de Santo António, e em Faro no mês de fevereiro de 1908 (*Guadiana*, 1907, nº 230), (*O Districto de Faro*, 1908, nº 1656).

19. Um cartaz desta coleção, recolhido por Joaquim António Viegas numa das salas de espetáculo de Lisboa ou do Porto, integra presentemente a coleção de cartazes do Museu de Faro.

Para além dos filmes “artísticos”, estas sessões incluíam igualmente “quadros de fotografia ao natural”, como *As grandes cataratas do Niágara* (s/d; s/r), ou comédias como *Aventuras de um marçano* (s/d; s/r) (*O Distrito de Faro*, 1908, nº 1656).

2.1. O Film d’Arte francês e o sucesso do Épico italiano

Se as primeiras sessões de animatógrafo em Portugal incluíram alguns filmes da companhia Edison e títulos britânicos atribuídos a Robert William Paul (Santos, 1991, p. 89), o cinema francês cedo assumiu uma posição hegemónica, graças à originalidade do catálogo Méliès e à capacidade de produção e distribuição das francesas Pathé Frères e Gaumont.

Gradualmente, filmes como *Amor Escravo/Amour d’esclave* (A. Capellani, 1907), começaram a ser identificados na imprensa como “fitas de arte”, correspondendo, em larga medida, aos filmes das companhias Le Film d’Art, e S.C.A.G.L - La Société cinématographique des auteurs et gens de lettres, uma divisão da Pathé Frères, que deu expressão a uma estratégia de legitimação cultural adotada pela jovem indústria gaulesa. Entre os vários títulos que estrearam durante este período, pudemos identificar *O caso Dreyfus/L’affaire Dreyfus* (F. Zecca, L. Nonguet, 1908), exibido em Faro e Olhão, em outubro de 1910, em plena Revolução Republicana (*O Provinciano*, 1910, nº 69, 70 e 72). O grande sucesso de 1910 foi, contudo, *A vida de Jesus/Vie et passion de N.S. Jésus Christ* (F. Zecca, 1907), filmado a cores por Ferdinand Zecca, para a Pathé Frères. Esta obra incontornável do cinema francês foi exibida em várias cidades portuguesas, incluindo Faro e Olhão, em outubro de 1910 (*O Provinciano*, 1910, nº 70). Em Tavira, nas primeiras semanas de 1910, as sessões do Salão 1º de Maio, incluíram títulos como *A Gata Borracheira/Cendrillon* (A. Capellani, 1907), *O Violeiro de Cremona/Le luthier de Crémone* (A. Capellani, 1909) e *A Vindima* (s/d; s/r) (*Provincia do Algarve*, 1910, Nº 68 e 72).

Juntamente com os filmes de arte, as comédias e os melodramas, estas sessões algarvias incluíam também atualidades, como *Funerais do Presidente da República Brasileira*, exibido em Vila Real de

Santo António, em setembro de 1909²⁰ (*Provincia do Algarve*, 1910, nº 50) ou *Funeral da ex. Rainha D. Maria Pia*, incluído nas atualidades Gaumont nº 37, exibidas pelo Teatro Circo de Faro (*O Algarve*, 1911, nº 174).

Em Faro, no início de 1911, a empresa do Teatro Circo de Faro empenhava-se em apresentar as “mais modernas e superiores fitas d’Arte entremeadas com as últimas e mais sensacionais variedades que se tem exibido nos animatógrafos da capital” (*O Algarve*, 1911, nº 151, p. 1). Nesse sentido, estabeleceu um contrato com o Salão Central de Lisboa, pertencente à “Sociedade Animatographica Limitada” (*O Algarve*, 1911, nº 168). Estes contratos permitiram a estreia em março de 1912 do filme *A Dama das Camélias/La dame aux camélias* (A. Calmettes, 1912), protagonizado pela mítica Sarah Bernhardt (*O Algarve*, 1912, nº 208), e no ano seguinte a “grande e sensacional fita” *Os Miseráveis/Les Misérables* (A. Capellani, 1913), adaptação da obra de Vitor Hugo, cujos primeiros dois episódios foram exibidos em 19 e 20 de março de 1913, menos de três meses após a estreia mundial em Paris²¹ (*O Algarve*, 1913, nº 260), ou ainda a produção Gaumont *O Garoto de Paris/L’enfant de Paris* (L. Perret, 1912), um filme com duas horas de duração, anunciado na imprensa local como “o melhor filme que até hoje se tem exibido em Portugal”, “colossal fita dramática, adquirida pela companhia cinematográfica de Lisboa por 5 mil escudos!” (*O Algarve*, 1913, nº 283, p. 3).

Mas se o cinema francês dominava, começaram também a surgir alguns elogios na imprensa local a filmes da marca Vitagraph, que são “maravilhosas de realidade e singeleza de processos dramáticos” (*O Algarve*, 1911, nº 158, p. 2) e da casa Nordiche, cujo filme *A Filha dos Ferroviários* estreou em novembro de 1912 no Teatro Circo de Faro (*O Algarve*, 1912, nº 241).

20. Nesta mesma sessão estava programada a exibição do filme “Caçada Real em Albufeira”, que foi substituído por outro título, devido ao mau estado da película (*Provincia do Algarve*, 1910, nº 50).

21. Este filme originou uma forte campanha publicitária da Pathé, atestada pela presença de três cartazes na coleção de Joaquim António Viegas, no Museu Municipal de Faro (Ginga, Mestre, Lopes, 2021).

A crise de produção desencadeada pelo eclodir da I Guerra refletiu-se na qualidade da programação de muitas salas. Em 21 novembro de 1915, o articulista anónimo de *O Algarve* elogiava o filme *No tempo dos Césares* (r/d; a/d), exibido no Teatro Circo, mas criticava a má qualidade de muitas fitas, ressaltando que o maior interesse desta sala residia noutros espetáculos, e na música do maestrino Rebelo Neves. Apesar disso, continuavam a registar-se algumas enchentes, como a motivada pelo filme *O Espião* (r/d; a/d) que obteve grande sucesso em dezembro de 1915 (*O Algarve*, 1915, nº 403).

A ascensão do cinema italiano nos anos que antecederam a I Grande Guerra ficou em larga medida a dever-se ao sucesso internacional de filmes históricos e melodramas, como *Qvo Vadis* (E. Guazzoni, 1913) e *Cabiria* (G. Pastrone, 1914). O filme de Pastrone foi um verdadeiro fenómeno, tendo a estreia algarvia decorrido em março de 1916, no Salão Apolo de Olhão. Este épico histórico, que o articulista considerava ter sido o “melhor filme que neste salão se apresentou”, seria seguido poucos dias depois pela estreia de *Maciste* (Borgetto; Denizot, 1915) (*O Provinciano*, 1916, nº 349, p. 1). Em Faro, ambos os filmes, produzidos pela casa Itala-Film, seriam exibidos em novembro no Cine-Teatro Farense, merecendo largos elogios na imprensa, que destacava o argumento da autoria do poeta italiano Gabriel D’Annunzio e a música da autoria do compositor Ildebrando de Parma, fatores que muito contribuíram para o prestígio cultural da obra emblemática do cinema italiano realizada por Pastrone (*O Algarve*, 1916, nº 452 e 453).

Em outubro de 1916, a participação de Portugal na I Grande Guerra, motivou a exibição no Cine-Teatro Farense das atualidades de propaganda militar, *Manobras navais portuguesas* (E. Albuquerque, 1916) e *Grandes manobras de Tancos* (A. Matos, 1915), (*O Algarve*, 1916, nº 447), produzida pelo portuense Alfredo Nunes de Matos, para a Invicta Film.

A eclosão da I Guerra Mundial e o nascimento do sistema dos estúdios de Hollywood, aliado ao sucesso registado pelos épicos históricos italianos, resultaria no fim da hegemonia do cinema francês, mas os seriados produzidos pela Gaumont registaram uma forte presença nas salas portuguesas durante esse período. Em março 1916 o Cinema-Tea-

tro de Olhão exibiu a serie policial *Os Vampiros/Les Vampires* (L. Feuillade, 1915) (*O Provinciano*, 1916, nº 349) e o Teatro Circo de Faro exibia *Os Mistérios de New York/Les Mystères de New York* (G. B. Seitz, L. Wharton, L. Gasnier, 1915) (*O Algarve*, 1916, nº 448, 449, 452).

A presença do cinema italiano marcou a exibição cinematográfica nas salas do sotavento algarvio em particular no período de 1916-1919. Deste modo, em outubro de 1916, os grandes sucessos do Teatro Circo, em Faro, foram uma produção da casa Cines, intitulada *Júlio Cesar/Cajus Julius Caesar* (E. Guazzoni, 1914), elogiada na imprensa pela qualidade da reconstituição histórica, enquanto o Cine-Teatro exibia *O barqueiro do Danúbio/Il barcaiole del Danubio* (1914) e *A Maldição paterna* (3 partes) da marca Savoia Film (*O Algarve*, 1916, nº 448 e 449). Por sua vez, a programação do Teatro Popular de Tavira incluía os muito elogiados *Drama da Ambição/Il dramma dell’ambizione* (1916) e *Lea* (D. Karenne; S. Aversano, 1916), protagonizado pela “notável artista Diana Karenne”²² (*Provincia do Algarve*, nº 470, 1917, p. 1).

No sábado, 25 outubro 1917, o recém-inaugurado Teatro Popular de Tavira iniciou as sessões de animatógrafo com a exibição do drama de Ermete Zacconi, *O Emigrante/L’Emigrante* (E. Zacconi, 1915), que o articulista classificava como um filme da série de Ouro (*Provincia do Algarve*, 1917, nº 456), uma categorização aplicada aos filmes italianos de prestígio e qualidade, lançada em 1909, pela produtora Ambrosio²³, que, nesse mesmo mês de outubro de 1917, registavam também grande sucesso no Cine-Teatro Farense, merecendo elogios pelos “entrechos dramáticos interessantes”, com os quais só os filmes cómicos do comediante Max Linder, ou “Maximino”, conseguiam rivalizar em popularidade (*O Algarve*, 1917, nº 500).

22. Atriz e realizadora de origem polaca, Diana Karenne foi uma das grandes estrelas do cinema italiano entre 1916 e 1920.

23. Entre os títulos identificados na imprensa com série Ouro, na temporada de 1917/1918, exibem títulos como *Amor Inimigo* (s/d; s/r), *As Joias da Condessa* (s/d; s/r), *O Clube Misterioso* (s/d; s/r), *Loucura Heroica* (s/d; s/r) e *Drama da Ambição* (s/d; s/r).

Em outubro de 1918, era notícia o sucesso registado junto da população olhanense pela série *Ultus* (G. Pearson, 1915-1917), uma produção da Gaumont British, protagonizada pelo ator de origem australiana por Aurelio Sydney, que revelava a influência exercida pela estrela do cinema de ação italiano, Bartolomeo Pagano (*Correio do Sul*, 1918, nº 6).

O interesse pelo cinema deu origem a uma primeira geração de cinéfilos que se traduziu no surgimento de várias revistas de cinema. No Algarve, Olhão foi o berço da primeira revista de cinema algarvia. Publicada na vila cubista em novembro e dezembro de 1919, *O Ecrã* (1919) surgiu num período de florescimento da imprensa cinematográfica portuguesa, e constitui um precioso testemunho dessa paixão cinéfila, oferecendo-nos informações importantes sobre o gosto cinematográfico dos algarvios que, por volta de 1918-1919, revelavam particular entusiasmo pelo cinema italiano. Com efeito, graças a esta publicação, sabemos que o Cinema Teatro de Olhão exibiu com grande sucesso o filme em series *Maciste atleta/As últimas aventuras de Maciste* (Denizot; Pastrone, 1918), uma produção da casa Itala Film de Torino, e nas páginas da mesma revista descobrimos que esta sala havia exibido recentemente o filme em quatro partes, *Galaor, rival de Maciste/Galaor* (M. Restivo, 1918), produzido pela Ambrosio Film (*O Ecrã*, 1919, nº 1, p. 3)²⁴.

Mas a revista *O Ecrã* (nº 1, p. 3) também anunciava para breve a estreia de *O Alvo Trágico/The Bull's Eye* (J. W. Horne, 1917), um filme de aventuras com o famoso Eddie Polo. Nas suas páginas podemos ler a propósito do ator norte-americano:

Na América existe um género de actores cinematográficos, o que não se dá em outra parte do mundo. São estes actores masculinos, cheios de virilidade e energia, para quem a elegância refinada das modernas

urbes é algo supérfluo e sem importância (*O Ecrã*, 1919, nº 1, p. 4).

Estas palavras seriam o prenúncio de uma revolução cultural no pós-Primeira Grande Guerra, em que os EUA emergiram como uma superpotência, cuja fulgurante cultura popular, veiculada por uma dinâmica indústria de cinema, cedo se tornaria presença hegemónica nos ecrãs portugueses. A era de ouro do cinema de Hollywood estava apenas a começar.

Conclusão

Guido Convents, na entrada dedicada a Portugal na *Encyclopedia of Early Cinema*, organizada por Richard Abel, afirma que, entre 1898 e 1908, os exibidores itinerantes trabalharam essencialmente nas regiões de Lisboa e Porto (Abel, 2010, p. 528). Esta afirmação, contrariada pela nossa investigação, reflete uma carência de estudos sobre os espaços e circuitos de exibição cinematográfica fora dos grandes centros urbanos de Lisboa e Porto, que este trabalho pretende ajudar a colmatar. Com efeito, após as primeiras sessões, realizadas na viragem do século XX em espaços pré-existentes como o Teatro Lethes e o Teatro 1º de Dezembro, o sotavento algarvio, assistiu entre 1907 e 1918, a uma proliferação de espaços de exibição cinematográfica que começou com a chegada de diversos salões itinerantes. Contudo, rapidamente se encentrou um processo de sedentarização que culminou na inauguração de Cine-Teatros em Faro, Olhão e Tavira. Apesar disso, no Algarve, não se registou uma substituição cronologicamente delimitada dos salões itinerantes por salas fixas, verificando-se, sim, uma coexistência que se manteve por vários anos.

Tal como sucedeu na maioria dos países, a produção gaulesa impôs-se como hegemónica nas salas algarvias, graças à capacidade industrial e à rede de distribuição das produtoras Pathé, Gaumont e Eclair. Contudo, ao entrar na segunda década do século XX, o cinema gaulês enfrentou a concorrência da emergente indústria italiana, que conquistou o grande público graças aos dramas e épicos históricos de produtoras como Ambrosio,

24. No segundo número desta publicação, o destaque foi para o ator/realizador italiano Emilio Ghione, protagonista do filme em oito partes, *Ratas Pardas/I topi grigi* (Ghione, 1918), exibido com grande sucesso no Cinema-Teatro de Olhão (*O Ecrã*, 1919, nº 2, p. 2).

Itala Film ou Cines, que seriam apenas suplantadas no final da Primeira Guerra Mundial, pela produção norte-americana.

Ao focar a pesquisa numa sub-região como o sotavento algarvio, podemos concluir que as principais localidades do litoral mantiveram uma ligação com os circuitos de exibição de Lisboa e Porto, graças à atividade de empresas como Neves & Pascaud e Francisco Pedro Lima e, numa segunda fase, através dos contratos assinados pelas maiores salas de Faro, Olhão e Tavira com as principais distribuidoras nacionais, permitindo aos exibidores locais estrearem muitas das obras emblemáticas deste período.

Referências bibliográficas

- [1] Abel, R. (2010). *Encyclopedia of early cinema*. Routledge.
- [2] Acciaiuoli, M. (2012). *Cinemas de Lisboa*. Bizâncio.
- [3] Bar, G. (2022). *Grosses Kino: O Cinema Mudo Alemão em Portugal*. Universidade Católica Editora.
- [4] Batista, T.; Parreira, T., Borges; T. (2010). *Cinema em Portugal – Os primeiros anos* (catálogo). Cinemateca Portuguesa/Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.
- [5] Bueno, M. B. (2006). *Inicios del cine en Sevilla (1896-1906): de la presentación en la ciudad a las exhibiciones continuadas*. Editorial Universidad de Sevilla.
- [6] Cunha, P. (2018). *Cinema e Cinefilia em Guimarães (1895-1957)*. Cineclub de Guimarães.
- [7] Duarte, A. (2008). *Memórias de São Brás de Alportel*, vol. 2. Casa da Cultura António Bentes.
- [8] Duarte, L. (2017). *Paraíso no Porto: O Jardim Passos Manuel (1908-1938)*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- [9] Freitas, P. (1980). *Quadros de Loulé Antigo*. C. M. Loulé.
- [10] Ginga, A.; Mestre, M.; Lopes, M. (org) (2021). *Cinema em cartaz: Cartazes de cinema da coleção de Joaquim António Viegas*. Caleidoscópio.
- [11] Martins, I. (2001). *Loulé no século XX*. Edições Colibri/CML.
- [12] Nobre, A. (1984). *História Breve da Vila de Olhão da Restauração*. Edição de *A Voz de Olhão*, suplemento do Jornal *O Sporting Olhanense*.
- [13] Santos, L. (1997). *Faro, um olhar sobre o passado recente*. Edição CMF.
- [14] Thompson, D. (2007). *Black and White and Blue. Adult Cinema from the Victorian Age to the VCR*. ECW.
- [15] Villares, J. (1989). *A Vida em Olhão no tempo do Padre Delgado*. Tipografia União.

Periódicos consultados na Hemeroteca Digital do Algarve

- [16] *Algarve e Alentejo*, Faro, 1898-1904
- [17] *O Algarve*, Faro, 1908-1919
- [18] *O Districto de Faro*, Faro, 1902-1913
- [19] *Ecos do Sul – seminário democrático independente*, São Brás de Alportel, 1912-1913
- [20] *O Ecrã*, Olhão, 1919
- [21] *Guadiana*, Vila Real, 1903-1910
- [22] *O Heraldo – antigo Jornal de anúncios*, Tavira, 1901-1917
- [23] *O Imparcial*, Loulé, 1916
- [24] *Província do Algarve*, Tavira, 1908-1919
- [25] *O Provinciano*, Olhão, 1909-1919
- [26] *O Povo do Algarve – Semanário republicano*, Tavira, 1914-1917
- [27] *O Sul – Seminário Regenerador e Liberal*, Faro, 1903-1905
- [28] *O Sul – Seminário Republicano*, Faro, 1912-1918

Bio

Jorge Manuel Neves Carrega é Doutor em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve (2014). Desde 2011, vem lecionando unidades curriculares sobre Cinema, Artes e Comunicação na FCHS e ESEC (UAlg). É autor de sete livros, entre os quais *Géneros Populares e Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea* (2023), *Breve História da Cultura em Faro* (2018) e *Elvis Presley e o Cinema Musical de Hollywood* (2009). Publicou mais de três dezenas de artigos e capítulos de livros em publicações científicas. Presentemente, organiza o Colóquio *Cinemas do Mediterrâneo* e investiga a história da exibição cinematográfica no Algarve, a coleção de cartazes do Museu Municipal de Faro, e a dimensão transnacional dos géneros populares da Europa mediterrânea.

Como citar e licença

Carrega, J. M. N. (2023). 1898-1919: os primeiros anos do cinema no sotavento algarvio. *ROTURA – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, Número Especial Alfamed, 78–93. <https://doi.org/10.34623/na3b-cy92>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.